

Cultura / Equipamentos culturais / Museus e centros de interpretação

MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO



O **MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO** é um museu de síntese, detentor de um espólio rico e variado, que reflete a história e a cultura da comunidade insular em que se insere, considerando a sua relação com o mundo, dada a privilegiada localização geoestratégica dos Açores. Criado em 1949, está instalado desde 1969 no antigo convento de São Francisco, apresentando três exposições de longa duração, a mais significativa das quais, *Do Mar e da Terra: uma história no Atlântico*, ocupa todo o piso superior do edifício. Existem ainda dois outros espaços expositivos consagrados a exposições temporárias, a par de reservas visitáveis de Espécies em Pedra e de Transportes de Tração Animal dos Séculos XVIII e XIX.



Esta instituição tornou-se polinucleada, a partir de 2016, com a instalação, no antigo Hospital Militar da Boa Nova, do Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima, que aloja a notável Unidade de Gestão de *Militaria* e Armamento do Museu de Angra do Heroísmo. A 9 de outubro de 2020, foi inaugurada a *Carmina | Galeria de Arte Contemporânea Dimas Simas Lopes*, doada à Região pelo seu fundador, cujo nome passou a ostentar.

EDIFÍCIO DE SÃO FRANCISCO Do Mar e da Terra... uma história no Atlântico”

Esta exposição constitui a principal narrativa expositiva do Museu de Angra do Heroísmo. Desenvolve-se ao longo de quatro momentos, que vão da descoberta e povoamento das ilhas até à contemporaneidade da Região, pretendendo aprofundar a cultura e história da Ilha Terceira e dos Açores, através das peças mais significativas e de maior valor da instituição.

“E o Aço Mudou o Mundo: uma Bateria Schneider-Canet nos Açores”

A bateria 7,5 cm de Tiro Rápido Schneider-Canet existente no Museu de Angra do Heroísmo é a única completa em instituições museológicas, incluindo os arreios m/1917, os armões de tra-

ção, os carros de munições e os carros-oficina, fundamentais para a uma rápida entrada em posição e conservação do seu potencial de combate. Baterias como a exposta foram adquiridas à fábrica Schneider Frères & Cie., por Portugal, em 1904, tendo sido decisivas na vitória republicana de 5 de outubro de 1910 e na consolidação do regime republicano, no decorrer da 1ª República, ou ainda, no contexto da Grande Guerra, ao acompanharem a Força Expedicionária a Angola, em 1915. Já no contexto 2ª Grande Guerra, no início de 1941, de modo a reforçar o dispositivo militar nos Açores, foram distribuídas pelas ilhas de São Miguel, Terceira e Faial.

“Portugal, os Açores e a Grande Guerra”

Esta exposição constitui uma bolsa temática sobre a participação de Portugal e dos Açores no na Grande Guerra. A contextualização temática da mesma é obtida com a utilização de elementos cartográficos, fotográficos e fílmicos, que permitem ao visitante perceber o que era a Europa e o mundo, antes e após o fim deste conflito. Os países participantes são representados através de capacetes e outros objetos militares como armas, máscaras antigás, lanternas e sistemas de comunicação, que remetem para o ambiente vivido nas trincheiras.

Texto:
Museu de Angra do Heroísmo

Fotos:
Paulo Henrique Silva CMAH

Atualizado
a 20 agosto 2022

MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO



“Reserva de Espécies em Pedra: as Pedras dos Homens”

A Reserva de Espécies em Pedra do Museu de Angra do Heroísmo reúne materiais variados que ilustram quotidianos do passado da ilha desde os primórdios do seu povoamento. Pedras tumulares e brasões, uma grande variedade de elementos arquitetónicos de antigos edifícios civis e religiosos e equipamentos próprios das atividades domésticas são algumas das peças que aqui se podem observar. Curiosidades como uma lápide do século XV, provavelmente a mais antiga conhecida nas ilhas açorianas, lajes tumulares da comunidade protestante do princípio do século XIX na Ilha Terceira e brasões municipais de meados do século XX, que não chegaram a ser utilizados, aguardam a sua visita.

“Reserva de Transportes de Tração Animal dos Séculos XVIII e XIX”

No espaço do antigo refeitório conventual, decorado com painéis de azulejos datados do século XVII, o visitante encontra uma variada coleção de transportes de tração animal dos séculos XVIII e XIX de diferentes proveniências.

Sala “Frederico Vasconcelos”

A Sala Frederico Vasconcelos homenageia a Família Vasconcelos, que, desde o último quartel do século XVIII até aos nossos dias, desenvolveu negócios em diversas áreas do comércio e da indústria com relevância no tecido económico local e regional. Paralelamente, assume-se como um apontamento da história da Revolução Industrial possível nos Açores, vista através dos modos de ser e estar de uma família, do seu sentido de oportunidade e das mudanças de percurso dos seus investimentos, que refletem os fluxos e refluxos do pulsar ilhéu.

Edifício de São Francisco | “Memórias”

Na sala junto à receção deste Museu, apresenta-se a história deste espaço conventual e das instituições que o ocuparam ao longo de décadas e até séculos, desde que aqui se instalaram os frades franciscanos.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GUIA

A Igreja de Nossa Senhora da Guia é um exem-



plo daquilo a que George Kubler chamou de estilo chão (plain style), estilo arquitetónico português marcado pela austeridade das formas. Ergue-se sensivelmente no mesmo local de uma pequena capela mandada construir, ainda no século XV, com o mesmo orago, pelo navegador Afonso Gonçalves de Antona Baldaia, um dos primeiros povoadores da ilha, junto à sua moradia, que doou, aquando da sua ida para a Praia, aos primeiros frades franciscanos, tendo a capela passado a servir como igreja conventual. Na carta de J.H. Van Linschoten, figura já uma edificação remodelada e acrescentada no século XVI. Edificado entre 1666 e 1672, o templo agora existente tem três naves: a central, que termina na capela-mor; a do lado do evangelho, que termina na porta de acesso à antessacristia; e a do lado da epístola, que conduz à capela atualmente denominada da Ordem Terceira e que primitivamente foi da “mercearia” instituída por André Gomes em 1522.

Painel de azulejos do altar-mor da Igreja de Nossa Senhora da Guia

Estes azulejos da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Guia, datados do século XVIII, são atribuídos a Valentim de Almeida (1692-1779). Os emblemas, inspirados no livro de Celestino Sfondrati, *Innocentia vindicata* (1695), representam de forma alegórica os atributos de Maria.

Sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Guia

Na sacristia, aberta ao público em 2018, depois de obras de restauro, há a salientar, além de um teto de caixotão em talha dourada e policromada, centrado com as armas de São Francisco, um magnífico arcaz de madeira de jacarandá, atribuído a Mestre Manoel de Almeida (c. 1745),

MUSEU DE ANGRA DO HEROÍSMO



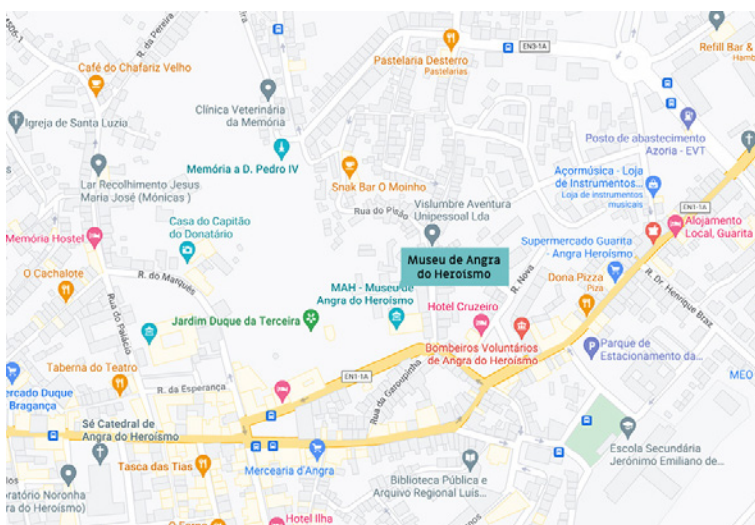
onde se apresenta um crucifixo com um cristo em marfim de origem indo-portuguesa e quatro braços-relicários. Destaque ainda para um fontanário, datado de 1722, com trabalho de alto relevo em pedra, flanqueado por colunas salomónicas.

Coro da Igreja de Nossa Senhora da Guia

O coro era um local de acesso exclusivo aos residentes do convento, os frades franciscanos, que louvavam a Deus e intercediam pela proteção divina, através da oração coletiva, do canto e da introspeção individual. Acima do cadeiral, as paredes encontram-se revestidas por um rico e magnífico apainelamento de azulejos da primeira metade do século XVIII, atribuído a Teotónio dos Santos (1688-1762), que narra episódios da vida de São Francisco. Destes painéis, destaca-se aquele que evoca o momento em que São Francisco recebe as cinco chagas que o transformam num novo Cristo, o que justifica que as armas franciscanas, visíveis em muitos outros locais do antigo convento, sejam dois braços estigmatizados, encimados por uma cruz latina, sobrepondo-se o de Cristo, nu, ao do fundador da Ordem Franciscana, revestido pelo hábito, numa evocação do gesto que este usou para benzer os irmãos presentes, ausentes e futuros, no seu leito de morte.

ÓRGÃO HISTÓRICO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GUIA

Atendendo a que o órgão de tubos era o único instrumento musical autorizado pela Igreja Católica a emparcear com as vozes dos eclesiásticos, o processo de dignificação do templo e do convento levou a que fosse encomendado ao maior dos mestres organeiros portugueses, António Machado de Cerveira, o exemplar existente na tribuna ligada ao coro, para a qual foi especialmente construído em 1788. Foi o 22.º instrumento deste fabricante, sendo o instrumento mais antigo existente da sua autoria nos Açores.



Museu de Angra do Heroísmo
38°39'26.3"N 27°13'01.2"W

<https://www.google.pt/maps>